

Passagem 001

Abílio Guerra

Abílio Guerra é arquiteto, professor da graduação e pós-graduação da FAU Mackenzie e editor do portal Vitruvius e da Romano Guerra Editora.

Em novembro de 2014, uma “cidade” aparecia assim num álbum de imagens no Facebook, através de registros fotográficos do Arquiteto e Editor Abílio Guerra [figura 1]. Sobre a materialidade edificada no espaço urbano, frágeis superfícies de celulose ou duráveis espessuras de tinta, manifestam uma cidade viva e provocadora. São registros fotográficos de cartazes, adesivos, pichações, grafites etc., que revelam, em suas mensagens, um tempo diferente daqueles da obra construída. Como naqueles manifestos de vanguarda de início do século XX, a cidade que se manifesta através desses registros é rápida, dinâmica, conflitiva, apaixonada, passional. Revela-se como alma.

Em “A Cidade ainda Fala”, vemos uma cidade sublinhada, sobreposta a outra, colada sobre muros, portas de ferro, postes, calçadas, árvores... Aderida a suportes taticamente frágeis, que permitem um discurso sempre renovado e atualizado, essa cidade fala de uma maneira surpreendente. Sobre uma porta metálica [figura 2], um cartaz anuncia: “A Revolução não será televisionada. Os ricos não dormem de medo das pessoas que não dormem de fome”. Mas também sufoca o sussurro dos restos, quase imperceptíveis, de um outro cartaz que ainda diz: “O silêncio é uma boa maneira...”. O registro capta o meio de uma conversa, que sempre estará no meio. Nesse, como em tantos outros fragmentos, aparentemente abandonados da superfície material da cidade, o corpo social manifesta-se, tatuando muros. Por essas falas, a cidade pode revelar quase tudo que lhe inquieta, menos explicar-las; explicar seria padecer à lógica das estratégias urbanas dominantes. [Xico Costa]

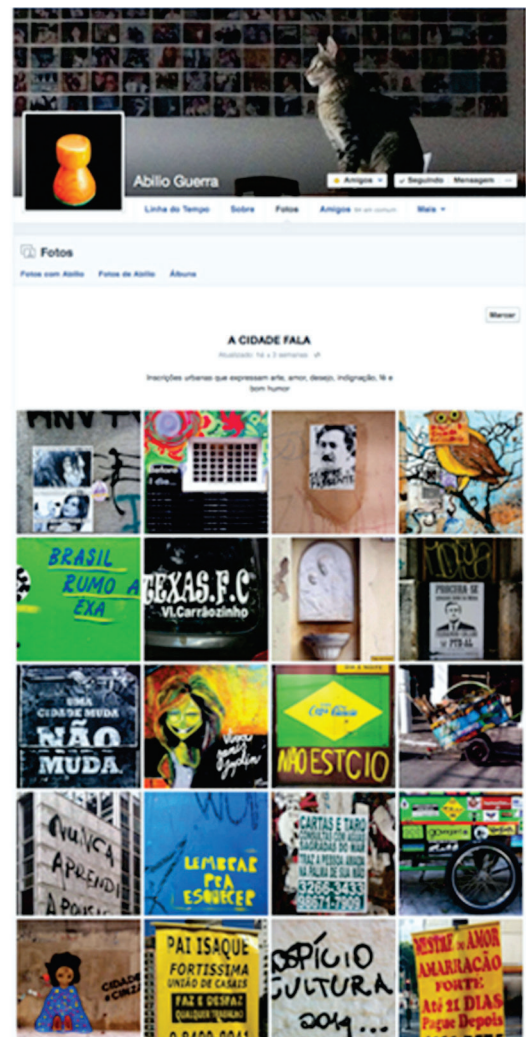


Figura 1
colagem com as imagens do álbum A Cidade Fala, publicado por Abílio Guerra em 2014. À direita, imagem capturada do album A Cidade Fala, publicado no Facebook por Abílio Guerra em 2014].

Figura 2
Cartaz sobre porta metálica
[fotografia: Abílio Guerra, 2015]



A Cidade ainda fala

“1974. Adolescente ainda, me mudei para São José dos Campos para cursar mecânica em uma escola técnica. Na frente da casa onde morava com outros onze rapazes escrevi meu nome no cimento mole usado no conserto da calçada. Três décadas depois, passando pela cidade, não resisti a compulsão, abandonei a rodovia e rumei para o bairro onde morei. Não encontrei a rua, a casa, a calçada, muito menos a inscrição. A cidade emudeceu minha passagem por sua história.”

[Abílio Guerra]

Figura 3
Grafite sobre muro, Rua Caio Prado,
São Paulo.
[fotografia: Abílio Guerra, 2015]



A Cidade ainda fala: porta do Parque Augusta

“2012. Eu e meu filho caçula, Caio Romano Guerra, escrevemos em parceria uma ficção intitulada *O ciclista prateado*. Concebida para Facebook, foi publicada em micro-capítulos. Num deles, chamado “Lusco Fusco”, o personagem percorria veloz as ruas da cidade e, por um efeito sinestésico, as assinaturas dispersas dos pichadores se

converteram em poesia no concreto:

“Almas Chacais nas ruas – Bekos de ruínas.

Fanáticos The Funtos comem Abutris, Bicho Vivo, no ciclo da Vida Loka.

*Somos cretinos, os demos, os psicós, indigentes, larápios, malditos;
mas somos!*

*Criminosos? Artistas sempre, doidos vandalizando o sistema.
Asas, fama, rastro, prazer”.*

Figura 4
Cartaz afixado em poste de iluminação,
Alameda Campinas, São Paulo.
[fotografia: Abílio Guerra, 2015]



A Cidade ainda fala: Più amore

“2014. Sem motivo aparente, descobri as mensagens presentes nas ruas. Pedestre convicto, fiquei surpreso com a infinidade de cartazes, pichações e inscrições que sequer notava. Estavam afixados em muros, paredes, calçadas, grades, guarda-corpos, postes, placas, mobiliários e outros suportes nos trajetos alternativos do meu vai-e-vem cotidiano. Comecei a fotografar e, poucos dias depois, juntei uma coleção de inscrições urbanas que expressavam arte, amor, desejo, indignação, fé e bom humor.”

[Abílio Guerra]

Figura 4
Pichação sobre grafite em tapume
metálico, Avenida Paulista, São Paulo.
[fotografia: Abílio Guerra, 2015]



A Cidade ainda fala: A vida imita a arte

“A cidade fala. Na somatória de todos os anônimos que se expressam em fragmentos temos como resultado um discurso polifônico, contraditório, ambíguo, mas vital, frenético, pulsante. Por todos nós a cidade grita, xinga, reclama, ama, chora e sorri. O personagem que pedala sem destino pelas madrugadas da metrópole sem fim pensou assim:

‘Há muito os homens riscam nas paredes para dizer: eu estive aqui.’”

[Abílio Guerra]

O ensaio completo encontra-se publicado em : <www.facebook.com/abilio.guerra.12>